



Revista Educação e (Trans)formação
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ATOLEIRO: HISTÓRIAS,
ORALIDADES E AQUILOMBAMENTOS**

**QUILOMBOLA COMMUNITY OF ATOLEIRO: HISTORIES,
ORALITIES AND AQUILOMBAMENT**

Lucenildo Vicente¹

lucenildo.vicente@ufape.edu.br

José Bezerra de Brito Neto²

jose.brito@ufape.edu.br

Raquel Janira Da Silva³

raqueljanira16@gmail.com

Resumo

O presente artigo pretende discorrer sobre a importância da tradição oral da Comunidade Quilombola Atoleiro, localizada em Caetés-PE, por meio do estudo das suas histórias e oralidades. Destacaremos ao longo do texto, como essa cultura da oralidade pode ser entendida enquanto um movimento de aquilombamento, bem como o quanto a troca de experiências entre os anciões e juventude dessa comunidade pode contribuir para a perpetuação dos saberes ancestrais presentes na mesma. Para isso, ao longo do texto iremos debater três camadas/conceitos: a história da comunidade, as oralidades e o aquilombamento, como forma de resistência que se propaga na juventude através dos ensinamentos propiciados pela oralidade. Analisaremos ainda, como essas práticas são vivenciadas através de entrevistas que foram realizadas pela “Comissão da Juventude Quilombola de Atoleiro”, um grupo organizado pela própria comunidade que tem por intuito central resgatar e fortalecer a sua cultura. Contaremos então, a história desse Quilombo sob o ponto de vista dos seus moradores, para além disto, através da análise desta história buscaremos aqui, contribuir para existência de um olhar mais amplo acerca do que vem a “ser um quilombola”, a fim de exterminar a visão errônea desse quilombola apenas como o “negro fugido”.

Palavras-chave: Oralidade; Aquilombamento; Resistência.

¹Estudante de Graduação, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFape.

²Doutor, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFape.

³ Graduação, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFape.

Abstract

The present article aims to discuss the importance of the oral tradition of the Atoleiro Quilombola Community, located in Caetés-PE, through the study of its stories and oral histories. Throughout the text, we will highlight how this culture of orality can be understood as a movement of quilombamento, as well as how the exchange of experiences between the elders and youth of this community can contribute to the perpetuation of ancestral knowledge within it. To do so, we will discuss three layers/concepts: the history of the community, oral traditions, and quilombamento, as a form of resistance that spreads among the youth through the teachings provided by oral tradition. We will also analyze how these practices are experienced through interviews conducted by the "Quilombola Youth Commission of Atoleiro," a group organized by the community itself with the central purpose of rescuing and strengthening its culture. We will then narrate the history of this Quilombo from the perspective of its residents. Moreover, through the analysis of this history, we seek to contribute to a broader understanding of what it means to be a "quilombola" in order to eradicate the erroneous view of a quilombola as merely a "runaway slave".

Keywords: Orality. Aquilombament. Resistance.

AFINAL, O QUE É SER QUILOMBOLA?

Estamos em uma sociedade que se encontra continuamente em discussão a respeito do que vem a ser um Quilombo. O que é um quilombola? Como vivem e se comportam? Pode-se enxergar estas dúvidas e a tentativa de explicações para tal, observando as teses e artigos a respeito desta temática. Contudo, ainda não temos trabalhos acadêmicos suficientes para dialogar sobre a pluralidade dessa temática de forma que demonstre como a cultura quilombola se manifesta em seu cotidiano enquanto forma de resistência as mais variadas formas de opressão existentes em nossa sociedade, e mesmo que haja um considerável aumento de pesquisas voltadas para tais questões, se faz necessário a busca contínua e reflexiva a respeito dos Quilombos que tenham como questão central a escuta atenta as vozes de seus quilombolas, que foram caladas e apagadas ao longo da história do Brasil.

A resposta para tais questionamentos não poderiam ser mais simples, o quilombola é desde os primórdios de sua existência um dos maiores símbolos de resistência do nosso país, juntamente com os seus povos originários os indígenas. Essa resistência se manifesta desde os pequenos detalhes de sua cultura e formas de vivência até as vozes potentes que entoam gritos e palavras de ordem nos vários espaços da nossa sociedade ao longo da história do Brasil (Souto, 2020).

A fim de exemplificar como esses costumes podem ser notados na vida cotidiana desses quilombolas enquanto uma forma de aquilombamento, iremos discorrer sobre a história da Comunidade Quilombola de Atoleiro, que fica localizada no Município de Caetés, Agreste pernambucano. Sua história começa quando, por volta do ano de 1.900, 4 famílias

chegam e se estabelecem no território hoje intitulado como “Sítio Atoleiro”. Apesar de alguns moradores da comunidade notarem em seus costumes algumas características diferentes dos demais sítios da cidade, como o hábito de dançar samba de coco, ciranda e dança do lenço ao som da melodia do pífano em ocasiões festivas, não tinham o conhecimento de que traziam em sua ancestralidade a cultura dos povos quilombolas.

Assim, somente no dia 04 de setembro de 2013, após muitos anos de luta, a comunidade foi reconhecida e certificada pela Fundação Cultural Palmares⁴ como “Remanescente de Quilombo”, sobre o processo nº 01420.005478/2013-71, portaria nº 161/2013, nº do livro de registro 15, nº do registro 1.978, nº da folha 196, sobre a data de publicação no 19 de setembro de 2013 no Diário Oficial da União. Nos dias atuais, estima-se que esta mesma comunidade possua mais de 500 famílias, composta, em sua maioria, por no mínimo três membros cada.

Além das manifestações culturais anteriormente elencadas, o quilombo hoje em dia possui grupos organizados que foram surgindo ao longo do tempo, como o grupo de artesanato das Mulheres Artesãs, a Comissão da Juventude Quilombola Atoleiro (CJQUIATO), o grupo de dança Afrodecendestes do Quilombo Atoleiro (Afro_Quiato) o grupo de dança Perola Negra, tais coletivos tem, por intuito, resgatar, disseminar e ressignificar as suas tradições.

Assim, notamos que para falar de um quilombo específico (Comunidade Quilombola Atoleiro), e traçar sua história a fim de identificar como seus saberes espelham a quilombagem vivenciada pelos seus ancestrais escravizados, faz-se necessário que se discuta o que seria aquilombar-se no contexto de um quilombo. Para isso, seguiremos as concepções de Moura (2001), que visa quebrar a ideia solidificada ao longo da história do nosso país a respeito do Quilombo como um lugar de fuga para os escravos fugidos, no qual classifica o quilombo apenas como uma saída da escravidão, não o enxergando em sua totalidade por trás deste detalhe. “A quilombagem deve, por isto, ser vista como **um processo permanente e radical** entre aquelas forças que impulsionaram o dinamismo social na direção da negação do trabalho escravo” (Moura, 2021, p.109, grifo nosso).

Posto isso, podemos notar que a fuga do negro que até então era escravizado, se caracteriza como o primeiro ato de rebeldia em relação a sua antiga condição de cativo, seria,

⁴ Por meio da lei nº 7.688, é criada a Fundação Cultural Palmares, com a finalidade de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. (BRASIL, 1988).

portanto, o primeiro passo para que ele passe a pensar coletivamente. O negro neste momento, abandona a condição de escravo e passa a ser quilombola, apresentando, portanto, formas de resistência ao seu dominador, o homem branco, ou seja, a existência desse quilombola passa então a significar a desarticulação da ideologia do homem não branco apenas como submisso.

Nesse sentido, iremos dialogar com os pensamentos de Moura (2001), Almeida; Miranda (2015), Silva; Santiago (2016) e Souto (2020). Com isso pretendemos mostrar que seus respectivos trabalhos vêm construindo um significado ímpar em relação à importância da tradição oral do Quilombo e ao Aquilombamento.

Dito isto, acreditamos que além de pontuar sobre a Cultura, Luta e História dos Quilombos e Quilombolas, se faz necessário também uma conversação sobre a importância do conhecimento que pode ser passado ou adquirido através da oralidade dos povos Quilombolas, que passa a ser entendida por nós como uma oportunidade de encontro e pertencimento com as suas ancestralidades, onde a quilombagem representa uma tentativa de manter viva sua história e raízes, a fim de sobreviver em meio a um país onde o racismo ainda permanece enraizado em nossas ações e diversas políticas de silenciamento tentam apagar a memória das comunidades tradicionais.

Nesse ínterim pontuamos a importância de troca entre os conhecimentos do meio acadêmico e meio popular (neste caso específico da comunidade quilombola), pois muitas das vezes o ancião da comunidade é uma biblioteca viva em memória, e quando este vem a falecer pode levar consigo conhecimentos que não foram passados para as novas gerações, que não poderá ser lido ou visto em nenhuma ocasião futura.

Devemos, portanto, buscar compreender a tradição oral dos Quilombos como uma forma de perpetuação e ressignificação dos saberes ancestrais dos povos africanos, e por consequência um processo contínuo de desarticulação das diversas formas de opressão através da sua história.

Nesse sentido, para uma melhor estruturação traremos, referencial teórico, onde pontuaremos pensamentos de escritoras como: Eliana Almeida; Carmélia Miranda, Claudilene Silva; Eliete Santiago, e Stéfane Souto, mencionaremos falas do escritor Clóvis Moura, que dialogam sobre o quanto a cultura oral é importante para comunidades que possuem tal ancestralidade bem como para a passagem de conhecimento das mesmas. A seguir, iremos pontuar na metodologia, sobre a forma de coleta de dados e procedimentos metodológicos da pesquisa.

Posteriormente, pretendemos contar a história do Quilombo Atoleiro sob a ótica dos seus moradores mais antigos, além de analisar essa história afim de contribuir para existência de um olhar mais amplo acerca do que seria “ser um quilombola”, na tentativa de exterminar a visão errônea desse quilombola apenas como o “negro fugido”. Para finalização, traremos ainda as considerações finais, no qual queremos não finalizar a discussão e/ou diálogo, mas deixar aberto para uma reflexão pessoal de cada leitor deste artigo.

A ORALIDADE ENQUANTO FORMA DE AQUILOMBAMENTO

Para entendermos o quilombo de uma forma mais ampla, se faz necessário entender que o negro que fugia e pertencia a um trabalho escravo, passa a viver e conviver em coletividade, deixando de ser escravizado, tornando-se então um quilombola, trazendo os seus costumes e raízes e estes são perpassados pela oralidade de uns para os outros, onde os mais velhos por terem um vasto conhecimento de vida vão dialogando e por meio de suas experiências vão perpetuando o conhecimento existente para as novas gerações. “O quilombola era, portanto, um ser novo, contraposto ao escravo e que somente enquanto quilombola podia assim pensar e sobretudo agir (Moura, 2001, p. 104)”.

Vale ressaltar ainda a pluralidade dos quilombos, uma vez que não existia ou existe um padrão universal, cada povo quilombola tem suas variações de tamanhos, costumes, tradições e diversas peculiaridades. Porém, podemos destacar alguns pontos comuns, a todas ou quase todas as comunidades que possuem tais raízes, dentre eles daremos ênfase ao evidente desejo ímpar de resistir e defender a sua liberdade, não individual; mas sim do todo, bem como das engenhosas formas de organização e arranjos sociais praticados em seus territórios desde os primórdios de suas existências. Posto isso, salientamos mais uma vez a necessidade de compreender o quilombo em sua forma ampla de negação ao sistema (Moura, 2001).

Partindo desse postulado, vemos que não se pode falar de quilombos/aquilombamentos sem parafrasear a importância do primeiro, este por sua vez direcionando os negros (ex-escravizados) para o poder e a relevância de ser um quilombola, não obstante para se reconhecer como tal é necessário um trabalho coletivo, social em um espaço livre, uma vez que o ex-escravo enquanto quilombola irá se integrar a comunidade tendo assim sua cidadania juntamente com a humanidade restaurada e resgatada (Moura, 2021).

O quilombo transforma-se então em um resguardo social, cultural, econômico e político contra o sistema, destarte onde nasce a quilombagem se tornando este ser, em um ser radical e revolucionário dando continuidade além do espaço quilombo.

Não se pode ver, portanto, a quilombagem como um simples suceder de quilombos isoladamente no tempo e no espaço, mas ela só poderá ser compreendida sociologicamente se a vemos como um continuun social que tem como papel central a negação da ordem escravagista em todos os seus níveis e durante a sua historicidade (Moura, 2001, p. 111).

Por conseguinte, percebe-se a importância da quilombagem através dos diversos espaços dos quilombos na atualidade que sucederam durante a sua existência, no qual estes são constantes na produção de manifestações de suas permanências históricas. São lutas que não sucumbirão ao tempo, a vontade de ser livre com seus direitos resguardados, a quilombagem garante que o povo negro consiga enxergar que individualmente não é possível chegar a uma sociedade justa, contudo quando realmente unido essa realidade se torna mais próxima.

Dito isso, podemos contemplar muitos exemplos de frutos conquistados através da coletividade e das lutas do movimento negro ao longo da nossa história, como é o caso da lei de número 11.645, de 10 de março de 2008 que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Indígena e Afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, este sendo um passo muito importante para os quilombos, por garantir a eles uma educação específica, e principalmente para a sociedade de um modo geral, por propiciar a ela um contato mais aprofundado com as matrizes e origens de nosso país. “Desse modo, pensar em uma educação antirracista é pensar na reeducação das relações étnico-raciais que foram estabelecidas ao longo da história do país (Silva; Santiago, 2016, p. 64)”.

Em virtude de uma união dos quilombolas, com os negros, indígenas e simpatizantes, essa conquista se fez possível, porém, devemos refletir do porque a mesma lei, não tornar obrigatório o ensino/estudo da História e Cultura Indígena e Afro-brasileira nas licenciaturas, assim, ocasionando a falta de preparo dos profissionais da educação, para além, a ausência destes estudos no currículo principal das licenciaturas contribuem para a perpetuação de uma visão de mundo eurocêntrica, de preconceitos e estereótipos raciais e para uma atmosfera de intolerância cultural e religiosa, elementos nocivos para a unidade do Estado Brasileiro, que jurou combatê-los na Constituição e em tratados internacionais.

Nesse ínterim, torna-se claro que a defasagem e a falta de interesse do conhecimento carregado por uma comunidade quilombola pode causar danos irreparáveis, como a perda de parte da sua história e tradições. Haja vista tal risco, a Comissão da Juventude Quilombola de Atoleiro (CJQUIATO), decidiu resgatar esse conhecimento através de entrevistas com os moradores mais velhos da comunidade Quilombola de Atoleiro.

Através dessas entrevistas, pretendemos demonstrar o quão importante e valioso é a memória oral de uma comunidade Quilombola, que é repassada de geração em geração, e que em alguns casos comuns, tende a ser apagada ou esquecida, devido à falta de interesse em aprendizado de alguns familiares. Os valores e costumes, como a cultura única e singular desta comunidade, pode ser esquecida. No entanto, vemos, na prática, o seu resgate por meio de uma atitude pensada e organizada por jovens lideranças, revelando por sua vez como o aquilombamento se sucede na prática.

Assim ressaltamos as palavras de Almeida e Miranda, quando dizem

Podemos, assim, considerar que a história oral e a memória contribuem decisivamente para a formação da identidade de um povo por trazerem uma carga de culturas, crenças e valores éticos e morais que servirão de sustentáculo para a (re)construção dessa identidade que está em constante transformação (Almeida; Miranda, 2015, p.3).

Nesse sentido, vemos o uso de uma prática tão recorrente do dia a dia entre pais e filhos, a oralidade, sendo utilizada como um método de resgate cultural. As entrevistas foram, portanto, realizadas em forma de conversação, uma vez que na comunidade moram aproximadamente 500 famílias de acordo com dados da associação, ou seja, os jovens entrevistadores possuíam fortes ligações com os moradores entrevistados.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Partindo deste postulado e tendo em vista que trabalhamos com agentes culturais, buscaremos ao longo deste artigo tentar compreender como a tradição oral da comunidade Quilombola Atoleiro se manifesta ao longo de sua história, a fim de identificar como ela pode ser considerada uma prática de Quilombagem. Para isso, analisaremos um conjunto de entrevistas semiestruturadas, que “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que um entrevistador faça necessárias adaptações (Ludke; André, 1986, p.34)”.

Essas entrevistas foram realizadas por 16 jovens com idades entre 13 e 32 anos, do grupo CJQUIATO ao longo do ano de 2019 e tiveram por intuito, promover uma troca de experiências entre os jovens e os anciões da comunidade, para que essa juventude pudesse entender melhor as formas como os primeiros habitantes de sua comunidade viviam e assim compreendessem melhor a sua cultura bem como as mudanças e permanências que aconteceram ao longo da história desse Quilombo. Levando em consideração que os jovens que realizaram as entrevistas não são pesquisadores, destacamos que as entrevistas foram coordenadas pela pesquisadora e pesquisadores deste estudo.

Foram entrevistados 12 anciões da comunidade que possuíam, na época, de 69 a 85 anos, conforme detalhado na tabela abaixo:

Tabela 1: Tabela de Entrevistados

NO ME	Sr. G	Sr. MZ	Sra. JI	Sr. Z	Sr. ZG	Sra. MJ	Sr. JM	Sr. MB	Sra. A	Sr. MZ	Sr. N	Sra. CJ
IDA DE	75	79	85	85	70	85	69	73	69	78	77	85

Fonte: Autores, 2025.

Faz-se necessário ainda, frisarmos que o vigente artigo, conforme Flick (2009) levou em conta questões como a integridade e objetividade, uma vez que devemos considerar que a presença de um pesquisador, bem como a realização de intervenções, poderá causar impactos nos pesquisados.

Assim, destacamos que todos os participantes foram informados, na época, quais eram os objetivos e a finalidade daquelas entrevistas, além de serem avisados sobre a possibilidade de seu uso para pesquisas posteriores. Desta maneira, a utilização deste material no presente artigo, bem como o uso do nome da comunidade e do grupo social que realizou as entrevistas, CJQUIATO, foi concedida pelo coordenador da CJQUIATO e o presidente em exercício da “Associação Quilombola de Atoleiro”, durante o período de escrita deste. Serão ainda, utilizados pseudônimos diferentes para cada participante sempre que necessário citar o nome de algum deles, garantindo assim o seu anonimato.

Pontuamos ainda, que utilizaremos a transcrição das entrevistas em “*itálico*” e o mais próximo da fala pronunciada dos entrevistados e entrevistadas, de modo que respeitaremos a oralidade e a sua real pronúncia das palavras, não retirando a escrita do contexto abordado.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ATOLEIRO: A HISTÓRIA DE UM POVO MARCADO PELA LUTA E RESISTÊNCIA

Segundo contam algumas lideranças da comunidade, bem como os seus mais antigos moradores, o território hoje pertencente a Comunidade Quilombola de Atoleiro era inabitada, em conformidade com isso o Sr. G relata em suas falas que o povoado “*era um trecho que tudo era só mato aqui tudo era muntença*” (Dados da Pesquisa, 2019).

Segundo um outro morador, os primeiros habitantes somente chegaram por volta de 1900, após a lei de abolição da escravidão, em quatro famílias, onde cada uma era composta de cerca de quinze filhos. Eram as famílias de Agostinho, Venâncio, família Bernardo e Nicolau. Estas quatro famílias, em conjunto, iniciaram um processo de coletividade, pois sozinhos não conseguiriam preparar o local para sua moradia.

Conta-se também, que esses moradores vieram de um lugar chamado “Volta do Rio”, em algum ponto entre Garanhuns e Jupí, estes, tinham possivelmente como ambição encontrar terras que não eram usadas para que pudessem praticar livremente suas tradições, bem como criar seus filhos com dignidade através da agricultura que permanece até os dias atuais, a principal forma de sobrevivência do Quilombo, “*a força do Sítio*”, enfatiza o Sr. MZ. As mulheres da comunidade além de trabalharem na agricultura, costumavam fabricar a renda em casa como maneira de obter um sustento a mais para a família, nos dias atuais essa renda foi substituída pelo crochê e outras formas de artesanato.

Ao encontrarem essa localidade, logo começaram a ocupar o território e derrubarem as matas para fazerem suas roças, cabendo a cada família escolher o seu pedaço de terra. Sobre a divisão dessas terras entre os membros familiares, o Sr. Z comenta:

“Não tinha bem uma divisão, as terras iam até o dobrar do beicho[...] onde dizia, ‘é até ali’ e dobravam os lábios para fora. [...] eram posto pedras para tentar identificar até aonde iam os limites de divisão, porém isso já é um período mais recente” (Dados da Pesquisa, 2019).

O nome da comunidade, Atoleiro, veio à tona somente algum tempo depois quando os moradores já estavam aqui estabelecidos. Segundo os anciões da comunidade, essa alcunha lhe foi dada por vendedores de rapadura, que vinham do sul de Alagoas e passavam pela localidade vendendo o seu produto no lombo de jumentos, em consonância a isso o Sr. MB pontua:

“O povo andava de se atolar[...] não era alagado, ia andar se atolando nas areia que era muita areia. Aí vinha um povo do lado ... não sei, desses mundo do sertão do lado do sertão, iam ve rapadura pro lado do Sul e quando vinha, vinha se atolando, aí botaram o nome do Atoleiro” (Dados da Pesquisa, 2019).

Com os primeiros habitantes da comunidade, veio a inconfundível cultura dos povos Quilombolas, dentre elas podemos destacar o “Samba de coco”, os membros do atual grupo “Samba de coco Santa Luzia” relatam que os moradores mais antigos do Quilombo, costumavam “botar adejantes⁵” a fim de construírem suas casas, e, ao erguerem-nas, eles “apilavam” o piso de barro com os pés dançando o Samba de coco conforme o SR. Z descreve:

“Naquele tempo eram casas de taipa, então no dia de fazer o piso, juntava o povo no finalzinho da tarde e faziam o piso de barro para sambar em cima [...] ficava apiladinho que nem cimento” (Dados da Pesquisa, 2019).

Tal costume repetia-se em outras ocasiões em que os moradores estivessem reunidos, seja dançando o Samba de coco, a Dança do Lenço ou a Ciranda ao som de vozes experientes dos homens e mulheres da comunidade e da sonoridade do pífano, conforme sinaliza o Sr. MB *“Era sanfoneiro a noite toda, as festa valia a pena” (Dados da Pesquisa, 2019).*

Ao analisarmos as falas dos sujeitos da pesquisa, percebemos também a presença constante da religiosidade na história da comunidade Quilombola Atoleiro onde, conforme sinaliza o Sr. ZG, havia a devoção a vários Santos da igreja Católica, como São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição, Sta. Luzia, S. José e Sta. Quitéria. Cada Santo tinha o seu guardião na comunidade, representado por uma família, ao se aproximar *“O seu dia, o povo se juntava para rezar as novenas e dá a festa do Santo” (Dados da Pesquisa, 2019).*

Dessas festas, a única que sobreviveu e é comemorada até os dias atuais, anualmente, é a festa de Santa Luzia, ao longo dos anos a paixão e apego aos demais santos foram se apagando, sobre isso o Sr. ZG salienta: *“Quando morria o morador, o guardião do Santo, morria também a devoção” (Dados da Pesquisa, 2019).*

Evidencia-se, portanto, a importância patente da passagem dos conhecimentos dos moradores mais antigos da comunidade para a sua juventude, para que outros costumes dela não venham a cair também no esquecimento. Esta passagem dos saberes, acontece oralmente

⁵ Sistema onde se reúnem algumas pessoas e prestam determinado favor a alguém específico gratuitamente. Este alguém, em seguida, poderá ser solicitado para devolver o favor posteriormente

de pai para filho através das gerações, tal conjectura pode ser confirmada quando o Sr. Z frisa: *“Tudo, tudo, tudo, que aprendemos foi em casa com pai e mãe ensinando, eles eram que sabiam de tudo”* (Dados da Pesquisa, 2019).

Essa conjectura, se solidifica ao analisarmos a entrevista de um dos mais antigos rezadores/benedizores da comunidade o Sr. MB, ainda em vida e em pleno gozo de suas faculdades mentais, sobre como ele aprendeu a rezar, nela ele sinaliza orgulhosamente: *“aprendi a rezar com minha mãe e minha sogra [...] a primeira reza que aprendi foi o Ofício de Nossa Senhora”* (Dados da Pesquisa, 2019).

Relata-se também, que até poucas décadas atrás, não existiam médicos para essa população, e tão pouco os moradores poderiam pagar o atendimento nas cidades próximas. Logo, os moradores acabavam recorrendo a parteiras, plantas e ervas medicinais, a cultura da reza como tratamento nessa época imperava. Sobre isso o Sr. G pontua: *“Os mai véi que ensinava os chás pra os mai novo, aí cada um tomava o chá e ia vivendo, naquele tempo morria muita gente, morria muita criança”* (Dados da Pesquisa, 2019).

Em suas falas pudemos notar o grande carinho e respeito que esses anciões tinham pelos saberes de seus entes queridos, conforme pontua o Sr. MZ quando questionado sobre suas maiores tristezas, *“Quando perdi meu pai, quando ele morreu fechou um lado do mundo, quando minha mãe também morreu fechou tudo”* (Dados da Pesquisa, 2019).

A morte de um ancião em uma comunidade Quilombola, representa, portanto, uma pequena janela de saberes que se fecha. Nesse contexto, a tradição oral representa uma forma de manter vivo a essência desse saber, para que a história do seu povo não se apague ao longo do tempo.

A receptividade e prazer em contar sua história facilita o eco de suas vozes, há muito tempo caladas. Ao se conversar com os mais velhos da comunidade, nota-se neles a alegria de poderem relatar como viviam e demonstrarem seus costumes, conforme pontua o Sr. ZG *“É emocionante ver crianças e adolescentes assistindo nossas apresentações”* (Dados da Pesquisa, 2019).

Os costumes de um povo tendem a se modificar e se ressignificar ao longo do tempo, em acordo com isso a Sra. JI aponta *“Quando eu era solteira já achava diferente e minha mãe já dizia ‘no meu tempo nera desse jeito não’ e agora eu vejo que tudo se multiplicou de novo”* (Dados da Pesquisa, 2019). Com isso pode-se perceber que as coisas e costumes tendem a se renovar, porém ressaltamos a importância do manter vivo a tradição e culturas da

comunidade, a oralidade presente no contexto de comunidades como essa, torna-se uma essencial forma de combate ao apagamento de seus costumes, além de demonstrar a crescente vontade de resistir e existir num mundo onde a modernidade está cada vez mais presente em nossos cotidianos, impondo signos e simbologias que são estranhos a vida e costumes desse povo secular.

Sobre isso, o Sr. MZ nos faz uma crítica em relação ao governo da época “*A coisa mais errada que o governo fez, não ajudou o trabalhador a se educar. Eu tinha que pagar mil reis para estudar até a 5ª série primária[...] com o professor do Mobral*” (*Dados da Pesquisa, 2019*). Tendo em vista a enorme falta de acesso desses povos ao ensino formal, um dos maiores símbolos atuais de modernidade e “civilidade”, reiteramos que a oralidade para os povos Quilombolas funcionava como um escape para manter vivo os conhecimentos e saberes dos moradores, uma vez que eles em sua maioria não possuíam aptidões como a escrita e a leitura.

A tradição oral desse povo é portanto uma forma de garantir que a cultura e as lutas da população negra não sejam apagadas, cada olhar, risada e entoada ao contar como seus pais e avós viviam é um símbolo de resistência, um desafio a toda a lógica eurocêntrica consolidada em nossa sociedade que tenta silenciar suas vozes, conforme destaca o Sr. JM em uma de suas falas, os sorrisos dos mais velhos carregam a sabedoria de um povo que entende “*A história de ouro enterrada aqui ... história de tesouro*” (*Dados da Pesquisa, 2019*).

Por isto, acentuamos o quanto de conhecimento a população anciã tem a oferecer para a parcela mais jovem da comunidade, e como não podem escrever sobre essas experiências, a forma que encontram de propagá-los é através da oralidade, de uma conversa repleta de histórias de memórias que já viveram ao final da tarde em baixo de uma árvore ou sob uma varanda, com os seus familiares e amigos, pesquisadores e quem mais chegar perguntando: “**COMO ERAM AS COISAS NOS SEUS TEMPOS?**”.

PARA NÃO FINALIZAR

Destacamos, portanto, que essas trocas de vivências, oportunizadas pela realização dessas entrevistas, se revelaram uma grande oportunidade de manter viva a cultura desse povo através do movimento de escuta dos jovens para com as narrativas dos povos mais velhos da comunidade. Evidenciando na prática, como a memória oral do Quilombo Atoleiro foi construída pelos seus antepassados e como ela é compartilhada entre as suas gerações.

Ao analisarmos os relatos, que foram trazidos pelos anciões da comunidade sobre a história do seu povo, pudemos perceber em vários momentos a forte presença da coletividade em vários pontos de suas narrativas, desde o início onde os primeiros moradores começavam a desbravar a localidade e construir suas casas, até a organização de suas festividades onde o povo se reunia para exaltar sua cultura, tal senso coletivo vigora até os dias atuais, quando por exemplo a juventude da comunidade se reúne afim de desvendar os mistério que circundam a vida de seus antepassados.

Enxergamos, portanto, a preocupação desses jovens de participarem dessa iniciativa, bem como a todo o histórico de vida dos moradores da comunidade e sua disponibilidade e alegria em contá-lo, como uma forma de combate ao apagamento de suas histórias e do seu povo através da oralidade, caracterizando-se então como uma prática de Quilombagem. Com isso, esperamos que a prática de quilombagem seja levada adiante, e mais do que isto, que ela seja vista como um processo importante na cultura dos povos remanescentes, onde seja reconhecida como uma forma de manter viva a cultura destes, e a propagação dos conhecimentos dos anciões através de sua oralidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliana do Sacramento de; MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. História Oral, Comunidade Quilombola e Preservação da Saúde: Narrativas e Rememoração. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 10, 2015, Bahia. **Anais...** [...] Olinda, 2015. p. 1-10. Disponível em:

https://www.nordeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1439163055_ARQUIVO_ARTIGOENCONTRODEHISTORIAORAL2015.pdf. Acesso em: 09 ago. 2021.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 04 abr. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução a metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.: il.; 25 cm. ISBN 978-85-65848-0-4.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, D. A. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

MOURA, Clóvis. **A Quilombagem como Expressão de Protesto Radical**. Creative Commons, 2001. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/moura/2001/mes/quilombagem.htm>. Acesso em 10 out de 2021.

SILVA, Claudilene; SANTIAGO, Eliete. História e Cultura afro-brasileira: uma política curricular de afirmação da população negra no Brasil. **Educación**, Peru, vol. 25, nº 48, p.53-66, mar de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/educ/v25n48/a03v25n48.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SOUTO, Stefany. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, Bahia, vol. 4, nº 4, p.133-144, jun de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426/21352>. Acesso em: 02 set. 2021.